

REVISTA ODINALA

"O MUNDO NÃO TEM FIM, E O QUE É BOM PARA UM
POVO É ABOMINAÇÃO PARA OS OUTROS" CHINUA
ACHEBE



Índice



INTRODUÇÃO



**HISTORIOGRAFIA E
RACISMO CIENTÍFICO**



**OCUPAÇÃO COLONIAL
NA NIGÉRIA**



TRADIÇÃO ORAL



**RELIGIÃO NO CONTEXTO
COLONIAL**



**WAKANDA E O MITO
DA ÁFRICA**



**MASCULINIDADES
NEGRAS**



**A INDEPENDÊNCIA DOS
PAÍSES AFRICANOS**

INTRODUÇÃO

POR FRANCIANY CARVALHO

O filósofo alemão Friedrich Hegel dizia que a África não tem história, e essa afirmação repercutiu muito na sequência do que seria chamada de história da África. Para Hegel, uma sociedade para ser considerada histórica deveria ter três pilares, sendo eles: objetividade, estado e Deus. Por isso, considerava os povos africanos não pertencentes a parte integrante do processo histórico, para ele apenas duas regiões importavam ou fariam parte deste processo, seriam elas o Egito Antigo (alto e baixo Egito) e a África Mediterrânea. Dessa forma isso interferiu na formação do processo historiográfico sobre os diferentes povos do continente africano e suas relações e interações com o resto do mundo, de modo que as teorias racistas e racialistas nortearam o que seria a contribuição das sociedades africanas para a história da humanidade.

A história ensinada sobre os africanos e aos africanos é na verdade uma versão falsificada e reducionista, pois ela resume toda história dos africanos a algo quase insignificante. Toda a narrativa da África, dos africanos e de seus descendentes após a diáspora é colocada em função da história europeia, começando a ser contada a partir dos primeiros contatos com os estes e apagando tudo o que existia antes disso no continente. A África, a partir do trabalho de pensadores como Hegel, foi vista como necessitada da intervenção europeia para "progredir" e, infelizmente, até hoje permanece uma visão de africanos passivos e nunca como sujeitos de sua própria história.

A Revista Odjinala recebeu esse nome pelo seu significado que, traduzido do idioma igbo, quer dizer "Tradição", e é isso que queremos transmitir aos leitores: um pouco das tradições e vivências dos povos africanos, de suas próprias perspectivas, antes, durante e depois da chegada dos colonizadores. Como um dos exemplos usaremos o livro do grande autor Chinua Achebe (1930-2013), considerado o pai da literatura nigerina. Ele começou a escrever em 1958, ano em que lançou um de seus maiores sucessos, o romance "O mundo se despedaça", lançado dois anos antes da independência da Nigéria.

Descendente do povo igbos, Albert Chinualumogu Achebe cresceu no vilarejo de Ogidi parte oriental de uma Nigéria colonizada pelo império britânico. Foi criado com uma mistura de culturas contrastantes, sua família tinha uma posição privilegiada, eram educados em inglês e o cristianismo já era ali fundido. Mesmo com seu pai tendo sido um dos primeiros convertidos ao cristianismo e sua mãe sendo uma evangelizadora cristã, isso não o impediu de permanecer interessado pela religião e cultura dos seus antepassados.

Para se entender Africa precisamos tentar fugir e escapar das visões reducionistas e pejorativas sobre a história das sociedades africanas. Esperamos poder passar de forma didática e acessível todo nosso trabalho para a melhor compreensão de todos os leitores da nossa revista.



**OS NINGUÉNS: OS FILHOS DE NINGUÉM, OS
DONO DE NADA.**

**OS NINGUÉNS: OS NENHUNS, CORRENDO
SOLTOS, MORRENDO A VIDA, FODIDOS E**

MAL PAGOS:

QUE NÃO SÃO EMBORA SEJAM.

**QUE NÃO FALAM IDIOMAS, FALAM
DIALETOS.**

**QUE NÃO PRATICAM RELIGIÕES, PRATICAM
SUPERSTIÇÕES.**

**QUE NÃO FAZEM ARTE, FAZEM
ARTESANATO.**

**QUE NÃO SÃO SERES HUMANOS, SÃO
RECURSOS HUMANOS.**

QUE NÃO TEM CULTURA, TÊM FOLCLORE.

QUE NÃO TÊM CARA, TÊM BRAÇOS.

QUE NÃO TÊM NOME, TÊM NÚMERO.

**QUE NÃO APARECEM NA HISTÓRIA
UNIVERSAL, APARECEM NAS PÁGINAS
POLICIAIS DA IMPRENSA LOCAL.**

**OS NINGUÉNS, QUE CUSTAM MENOS DO QUE
A BALA QUE OS MATA.**

EDUARDO GALEANO

CHINUA ACHEBE

O MUNDO SE
DESPEDAÇA



HISTORIOGRAFIA E RACISMO CIENTÍFICO

POR LUANDA FAGUNDES

O MUNDO SE DESPEDAÇA E A OCUPAÇÃO COLONIAL NA NIGÉRIA

POR MARIA CLARA MARTINS RIBEIRO

O romance "O mundo se despedaça", de Chinua Achebe, publicado em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria, é fundamental para o entendimento do período de colonização do continente africano e do impacto do contato entre culturas e costumes divergentes. O título da obra deriva do poema "A segunda vinda" de Yeats, escrito no final da Primeira Guerra Mundial. O apocalipse imaginado por Yeats, na obra de Achebe, é considerado um presságio para a chegada dos colonizadores brancos cristãos, que invadiram a África e destruíram as culturas locais.

Ao apresentar um panorama do povo igbo, do qual é descendente, Achebe não só constrói uma narrativa literária, como também contribui para o fortalecimento do processo de independência nigeriano, buscando honrar seu povo e seus antepassados. Apesar de estar vivendo em um momento de independência, o autor cria uma obra a respeito de outro contexto, quando a região da Nigéria estava sendo ocupada pelos colonizadores. Ou seja, quando o mundo de seus ancestrais começou a ser despedaçado. O romance nos possibilita enxergar o processo de ocupação colonial a partir de uma perspectiva africanizada, isto é, do colonizado, e não do colonizador.

A primeira metade do livro é dedicada exclusivamente para uma narração focada no dia a dia da sociedade de Umuófia, mostrando-nos o mundo igbo antes da chegada do colonizador. Essa escolha já se mostra inovadora por dar mais destaque ao cotidiano inexplorado na literatura do sudeste da Nigéria antes das intervenções externas. Esse retrato pintado por Achebe nos mostra uma África humana, cheia de história, de tradições e, assim como qualquer sociedade, de problemas e preconceitos. No contexto da independência da Nigéria, foi enorme a importância de um livro que valorizou a herança do povo igbo e ao mesmo desmitificou visões idealizadas ou pejorativas da África.

Na segunda metade do livro, os primeiros missionários começam a aparecer naquela região e o autor nos apresenta diferentes exemplos de primeiro contato. Em um dos casos, um povoado daquela região se assusta com o estranho homem branco em uma bicicleta e o mata. Como vingança, os europeus retornam àquele vilarejo e o dizimam por completo, enviando uma mensagem de que eram violentos quando ameaçados. Mas, na maior parte dos casos, Achebe nos pinta uma colisão cultural muito menos violenta e com uma penetração lenta dos europeus naquela sociedade, algo que acabou se mostrando tão letal quanto.

Okonkwo, personagem principal do livro e patriarca respeitado da comunidade, se opõe aos missionários que chegam em seu povoado em uma tentativa de organizar uma revolta. No entanto, o que ele não esperava era que muitos de seus vizinhos e companheiros, inclusive seu primogênito, fossem aderir aos costumes e crenças dos europeus, provocando uma divisão em um mundo que, até o momento, era completamente fechado ao estrangeiro.

Aproveitando-se do conflito interno, os britânicos começaram a colocar em xeque as crenças, os costumes e os valores daquele povo, resultando na desintegração da sociedade tradicional da região. Uma das estratégias dos missionários, a frente mais importante dos colonizadores, foi a conversão de pessoas que se encontravam a margem daquela sociedade antes de sua chegada, ou daqueles insatisfeitos com alguma tradição. Aos poucos, porém, observamos com Okonkwo, essa nova religião ganhando mais e mais seguidores.

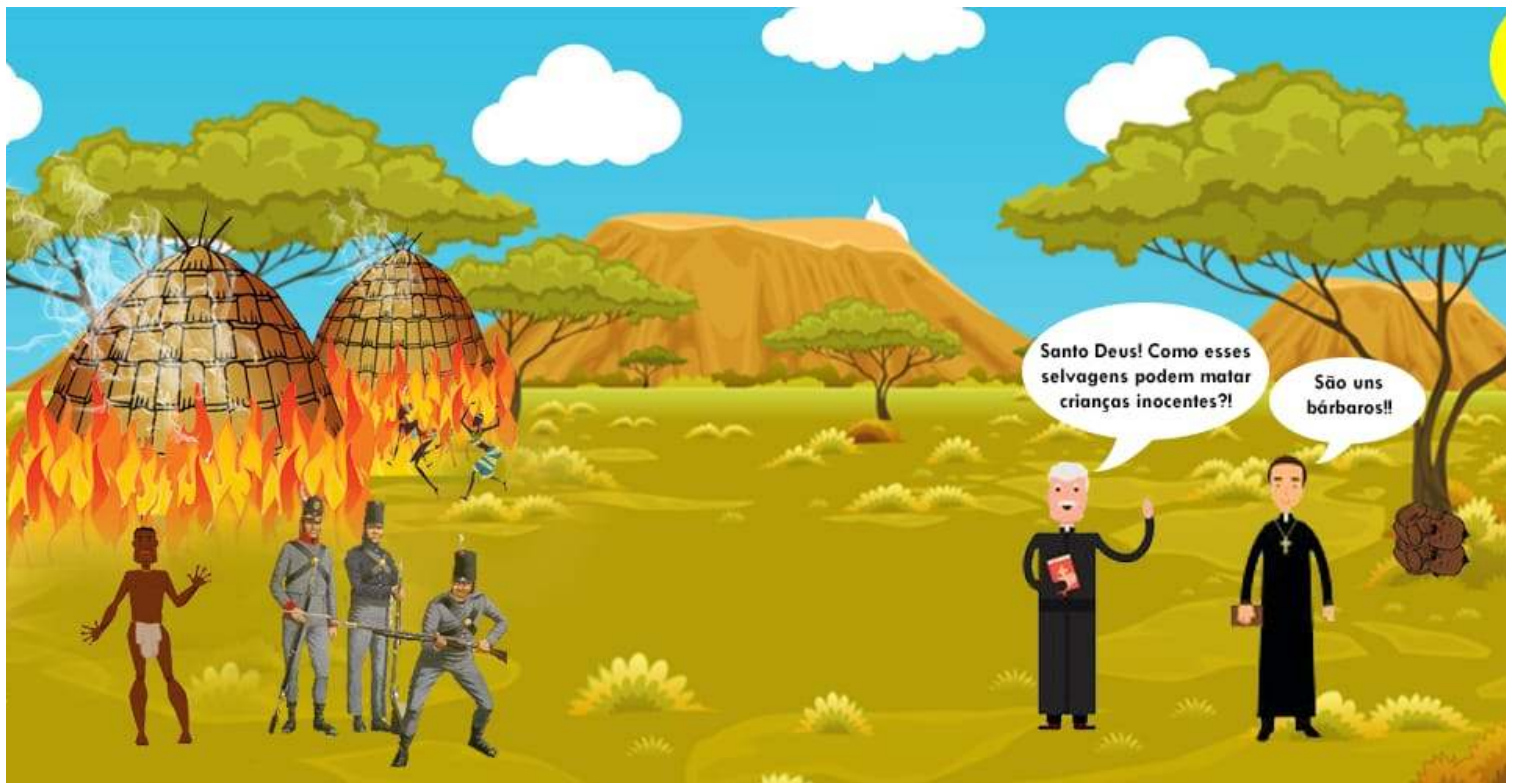


O cristianismo pode ter sido a porta de entrada por seu apelo emocional, mas com ele vieram aparatos jurídicos que começaram a aplicar leis inglesas naquela região. Na narrativa podemos perceber quão problemática foi essa imposição visto que aquela sociedade tinha tradições consideradas inaceitáveis pelos europeus e vice-versa. O protagonista do livro acaba sendo um dos maiores antagonistas dessa imposição em Umófila e acaba sendo preso e torturado pelos europeus por isso.

Em "O mundo se despedaça", o leitor encontra uma visão fictícia de uma pequena comunidade na Nigéria antes da chegada do colonizador, mas as noções citadas aqui incluídas nele são muito mais abrangentes. Elas refletem um processo doloroso, violento e que até hoje se desdobra em todo o continente africano com uma infinidade de consequências negativas, uma delas sendo a quase morte de tradições e sociedades inteiras.

Apesar da narrativa por vezes violenta, Achebe busca mostrar o valor de suas tradições ancestrais e o faz de forma carinhosa. O autor escreve de modo a refletir a tradição oral que permeia a história do povo do qual descende, sempre guardando uma lição por trás de cada fato, e buscando valorizar a cultura e as tradições de seu povo, muitas das quais acabaram sendo perdidas ou sofrendo interferências europeias durante o processo de colonização. De leitura fácil e sensibilidade incrível, "O mundo se despedaça" é uma leitura essencial para se desconstruir imaginários simplistas sobre o continente africano.

Um dos argumentos usados pelos europeus para provar a "selvageria" do povo de Okonkwo foi o costume de abandonar todos os nascidos gêmeos na floresta. Ao mesmo tempo, no livro, assassinaram uma vila inteira como vingança pela morte de um único europeu.



Arte por: Rafael Ribeiro Pereira



**ELEJO KÌ ÍMO EJO RO L'EBI K'Ó PE LORÍ ÌKÚNLE
(AQUELE QUE ADMITE SUAS FALTAS NÃO AS PAGA
POR MUITO TEMPO)**

PROVÉRPIO IORUBÁ

TRADIÇÃO ORAL

POR RAQUEL DAMASCENO MARTINS DOS SANTOS

**"QUANDO OS BRANCOS CHEGARAM, NÓS
TÍNHAMOS AS TERRAS E ELES A BÍBLIA;
DEPOIS NOS ENSINARAM A REZAR. QUANDO
ABRIMOS OS OLHOS, NÓS TÍNHAMOS A
BÍBLIA E ELES AS TERRAS."**

JOMO KENYATTA

RELIGIÃO NO CONTEXTO COLONIAL

POR INGRID MENDES

A religião era algo de extrema importância para os africanos, pois além de estar presente em todo o cotidiano ainda tinha grande influência cultural, sendo interpretada como resposta para o inexplicável como, por exemplo, o sucesso ou o fracasso em uma colheita. Repleta de elementos dos antepassados, os africanos tinham diversas formas de desfrutar de suas religiões que, apesar de diversificada, tinham suas semelhanças: o caráter politeísta; a grande relação com ancestrais, com entidades, com os deuses e, principalmente, com a natureza; além da realização de cultos, rituais e sacrifícios. Tudo isso se tornou costume de várias regiões africanas, principalmente do povo igbo, como vemos no romance “O mundo se despedaça” de Chinua Achebe, onde ele narra as jornadas religiosas, culturais e sociais do personagem principal Okonkwo, sua família e os moradores Umuofia que, apesar das dificuldades rotineiras, era um lugar tranquilo. O livro mostra também o choque ideológico e cultural de dois mundos diferentes.

Porém, quando entramos no contexto do colonialismo, há uma mudança brusca principalmente na identidade religiosa do local a ser colonizado, como aborda o livro de Chinua Achebe ao mostrar o choque ideológico e cultural de dois mundos diferentes. O clã tranquilo de Okonkwo muda após a chegada dos homens brancos, ou melhor, dos missionários colonizadores, que traziam consigo o cristianismo, uma outra forma de governar e amedrontar. A intenção era converter os africanos e tirar o poder dos chefes locais que tentaram resistir, praticamente em vão. Os missionários se instalaram na comunidade com sua nova religião, que diziam ser a única forma de salvação, se opondo aos costumes, tradições e crenças daquele local. Okonkwo fica decepcionado ao ver seu filho e outros membros de seu clã optando por conhecer e se converter a esta nova religião, deixando de lado os costumes ancestrais, vendo “o mundo se despedaçar”.

Cientes de que os conflitos internos do clã facilitariam seu domínio, os colonizadores se empenharam em ganhar poder naquele local, utilizando-se da educação (implantação de escolas), da pressão psicológica e, principalmente, da suposta superioridade cultural e religiosa, demonstrando todo seu caráter explorador e prejudicial. Resultando em desumanização e descaracterização da vida do africano, com seu Deus superior a qualquer outro, numa missão de “civilizar” pessoas que não encaixavam em seu ideal de civilização, impondo a eles valores ocidentais.

O que é visto para os colonizadores como progresso para a África é, para o povo africano, uma destruição cultural e do modo de viver, fato que fica explícito no romance, a partir de uma narrativa focada na visão do colonizado e não do colonizador, como de costume. Consequentemente o cristianismo tornou-se a religião da maioria dos africanos, em segundo lugar está o islamismo. Apesar de grande parte da população ter se convertido ao cristianismo opcionalmente, algumas pessoas não aceitaram se converter aos novos padrões religiosos do cristianismo e se mantiveram firmes e fiéis à sua religião e a sua cultura tradicional. Essas pessoas foram responsáveis por manter viva a tradição e graças a elas temos conhecimento destes valores tradicionais.



RELIGIÃO NO CONTEXTO COLONIAL

POR INGRID MENDES

Por outro lado haviam também aqueles que se adequaram a nova religião cristã, adicionando a elas práticas e costumes tradicionais, afim de acrescentar ao cristianismo diversas formas de culto para que pudessem se sentir mais “confortáveis” na nova religião, saciando assim todas as necessidades religiosas do homem. Essa nova forma de aprimorar o cristianismo, deu aos africanos uma religião autossuficiente e o fato que mais contribuiu para isso foi a tradução da bíblia para línguas africanas, fazendo com que os africanos tivessem sua própria interpretação das escrituras. Dessa forma, foram construídas igrejas independentes ou separatistas, como uma forma de resistência. Essas igrejas atravessaram fronteiras físicas e culturais, atraindo muitos povos e fazendo milhares de seguidores que dividiam e protegiam a mesma fé.



As máscaras tem grande valor na artes e nas religiões tradicionais africanas. Elas têm um sentido místico, são utilizadas em rituais ou funerais e concedem poder de absorção de forças espirituais e incorporação de entidades.



O reverendo John Chilembwe (1860/1870-1915), chefe da revolta de 1915 na Niassalândia, e sua família. Ele foi apenas um dos muitos líderes cristãos que lutaram pela independência na África tendo a religião como apoio.



**NÃO QUEREMOS SER O FUTURO, SOMOS O
PRESENTE
NA CHAMADA A PROFESSORA DIZ,
"PANTERA NEGRA"
EU RESPONDO, "PRESENTE"**

DJONGA

WAKANDA E O MITO DA ÁFRICA

POR RAQUEL DAMASCENO MARTINS DOS SANTOS

O filme “Pantera Negra” de 2018 é de longe um dos maiores fenômenos cinematográficos da década passada, com aclamação crítica, indicações ao Oscar e uma bilheteria de mais de 1 bilhão dólares. T’Challa, o Pantera Negra, é apenas um dos muitos heróis da Marvel que saiu dos quadrinhos para as grandes telas, mas sua história vai muito além de derrotar um vilão, ele representa algo muito maior. Quando o Pantera Negra apareceu pela primeira vez nos quadrinhos em 1966, ele era o único herói de origem africana de uma editora tão popular e, décadas depois, em 2018, ele também abriu o caminho para protagonistas negros em filmes do gênero.

Apesar do enredo emocionante e cheio de ação comum nos filmes da Marvel, Pantera Negra trouxe consigo uma representatividade para pessoas negras ao redor de todo mundo e se tornou um símbolo de orgulho para todo um movimento. É inegável o impacto de um herói negro, africano e que reina no país mais rico e desenvolvido do mundo. Wakanda, como é chamado, se tornou um nome que remete a muito mais do que um lugar fictício, mostrando o potencial do cinema para alcançar um grande público com um impacto real e profundo. Mas será que a representação de África presente nesse filme é tão boa assim?



Cena do filme "Pantera Negra" (2018)

De um ponto de vista mais crítico, podemos perceber que a obra se apoia bastante em uma narrativa similar aos pensamentos da Pirâmide Invertida, uma demonstração de África como superior ao resto do mundo. Uma história como essa trás um empoderamento bem vindo, mas, do mesmo modo que os pensadores africanos dessa corrente de pensamento, eles pecam ao assumir que a África desigual e devastada pelo colonialismo não tem seu próprio valor. Wakanda representa um ideal africano do que o continente poderia ter sido sem a interferência dos europeus, mas não dá protagonismo a vozes e nações reais que sofrem com os efeitos de séculos de exploração.

A única aparição da África fora de Wakanda mostra uma personagem da potência lutando contra o tráfico ilegal de pessoas e as menções feitas a esses países são sempre para vitimizá-los, falando apenas de como precisam da ajuda de Wakanda para superar a violência e a miséria. Apesar de ser uma temática sutil ao longo do filme, mostra como Hollywood perpetua visões pejorativas e estereotipadas do continente africano mesmo quando lhe dá o protagonismo.

Além disso, vale pensar criticamente sobre o elenco do filme que retrata personagens africanos interpretados por atores estadunidenses, europeus e por aí vai. Impossível não apreciar esse filme incrível e reconhecer sua representatividade essencial para pessoas negras, mas consumir cultura também pode envolver reflexões e foi isso que esse artigo tentou trazer.



**O PATRIARCADO ENSINA UMA FORMA DE
ESTOICISMO EMOCIONAL AOS HOMENS QUE
DIZ QUE ELES SÃO MAIS VIRIS SE ELES NÃO
SENTIREM, MAS QUE, SE POR ACASO ELES
SENTIREM E OS SENTIMENTOS
MACHUCAREM, A RESPOSTA MAIS
MÁSCULA É EMPURRÁ-LOS GOELA ABAIXO,
ESQUECÊ-LOS, ESPERAR QUE VÃO EMBORA.**

BELL HOOKS

O MUNDO SE DESPEDAÇA E MASCULINIDADES NEGRAS

POR MARIA EDUARDA TAROCO VIEIRA

Podcast : Conversa com Estela Gonçalves sobre masculinidades negras e o livro “ O mundo se despedaça de Chinua Achebe “



Na foto acima: Estela Gonçalves, mestranda participante do Podcast.

A Estela tem 24 anos. é formada na licenciatura em história e está terminando o primeiro ano do mestrado, é integrante do coletivo negro de resistência viva, da frente preta ufjf, do grupo de estudos Afrikas e do grupo de estudos da anpuh de pós abolição. É também voluntária de iniciação científica do lab Afrikas e bolsista da revista de direitos humanos e empresas do direito. É professora da rede estadual, do fundamental e médio, de história, além de participar do coletivo afroflor. Realiza debates acerca das questões étnicos raciais, e no mestrado aborda as masculinidades negras em idade de escolarização.

A nossa conversa teve foco em interrelacionar as questões trazidas pelo autor nigeriano Chinua Achebe e o trabalho de mestrado da Estela, que possui foco em masculinidades negras. Para iniciar a conversa, perguntamos a ela, sobre o seu primeiro contato com o livro e com a literatura nigeriana, ela afirma que a universidade foi um divisor de águas para ela, para falar de questões identitárias, de forma que teve contato com novas concepções.

A primeira vez que leu “ O mundo se despedaça “, foi durante a disciplina de África, e continua, relatando que quando realizou a leitura, ficou impressionada, com o fato de entender como foi a chegada e o início da colonização, antes de expandir para o mundo e apresentar novas visões, principalmente por trazer o lado do colonizado, não apenas a versão do colonizador.

Durante toda a conversa, feita informalmente, a Estela analisa o trabalho no livro, de forma aproximada com a construção da masculinidade negra como um todo, trazendo a figura do colonizador diante da figura do homem negro colonizado, sendo que o último recebe uma cobrança muito maior e uma necessidade de provar a sua imagem enquanto homem. Mostrando como as questões de ser o provedor, da virilidade, relacionado a figura do Okonwko como exemplo, e outras características da masculinidade são muito presentes no livro também, citando outros teóricos que trabalham essas questões.

O podcast conseguiu abordar diversas temáticas muito relevantes, que causam diversas reflexões acerca do livro, além de trazer muitas delas para o presente.

Link abaixo para acesso do podcast:



A INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES AFRICANOS

POR MARIA LETÍCIA MACHADO BORGES

Submetidos a colonização dos Estados Europeus desde o século XIX, os países africanos lutaram pela independência principalmente a partir das décadas de 1950 e 1960. Ao contrário do que se pode imaginar, as independências não foram uniformes e síncronas no continente; deram-se por um processo lento e conflituoso, contando com a influência do contexto internacional e de diversos atores do momento

Os primeiros países africanos a conquistarem a independência, na década de 1950, foram os do extremo Norte da África ao se juntarem à Liga Árabe - uma importante identidade política que se formou pela aliança entre os países de língua árabe e religião muçulmana, prezando ajuda mútua. Mas tratando-se de outras áreas do continente, o processo de independência foi mais árduo. Inicialmente, com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, os países europeus se encontravam enfraquecidos, gerando uma maior exploração das colônias para poderem se reconstruir. Compartilhando também dessa opressão, as colônias asiáticas conquistaram independência logo após o fim da Guerra, servindo de influência às demais colônias a seguirem o mesmo caminho. Essa exploração sofrida era violenta, agressiva; os colonizados africanos, seja no meio urbano ou rural, se juntavam em grupos sociais para contestá-la - apesar de as elites urbanas não terem visto tanta necessidade de conflitos violentos, como das massas rurais

Esses grupos diversos, formados pela revolta à opressão, desejavam o fim das contradições trazidas pelo opressor: a divisão entre colonizador e colonizado, opressor e oprimido, civilizado e bárbaro, branco e negro. Unificados pela elite africana sob um mesmo espaço, definido previamente pelos colonizadores na partilha do continente durante a Conferência de Berlim, e um mesmo interesse comum, esses movimentos sociais tornaram-se frentes em busca de um fim: a independência, baseando-se na ideia de nação. Este entusiasmo nacionalista das elites urbanas para reunir os movimentos sociais era pautado no pan-africanismo - uma ideologia que propunha a união de todos os povos africanos para a libertação do jugo europeu.

A ação intensiva dos movimentos anticolonialistas e os conflitos pela libertação travados pelos camponeses foram de grande impacto, seja para os colonizadores, seja para os colonizados; apesar disto, a maior parte dos países africanos veio a setornar independente a partir de negociações das elites nos partidos políticos nacionalistas com as metrópoles, travando acordos de interesses entre as duas partes. Em um contexto de Guerra Fria, em que os oponentes buscavam países aliados, a continuidade dessa dominação não seria favorável aos colonizadores; tanto a URSS quanto os Estados Unidos da América apoiavam a independência das colônias e pressionavam as metrópoles a esse fim.



A INDEPENDÊNCIA DOS PAÍSES AFRICANOS

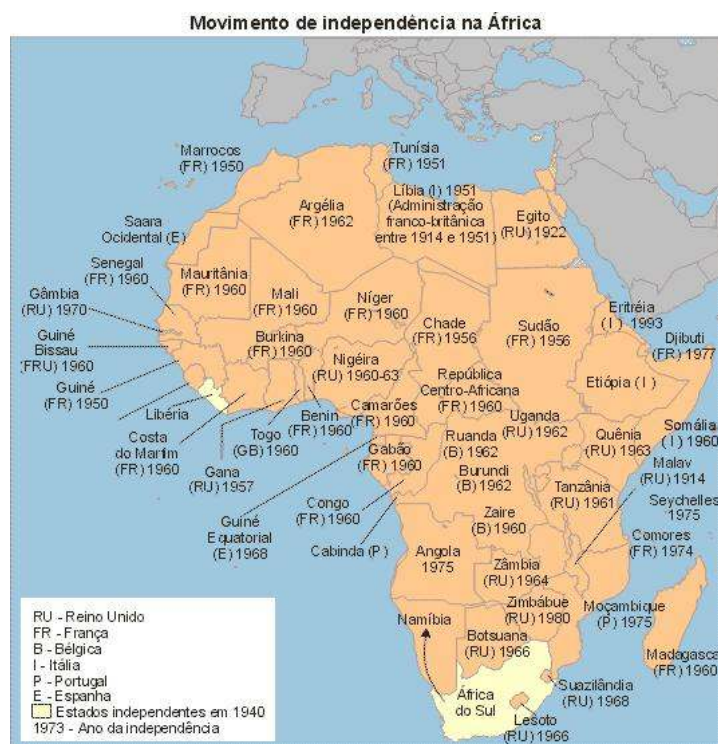
POR MARIA LETÍCIA MACHADO BORGES

Sendo assim, a década de 1960 tornou-se palco de independências africanas, apesar de as negociações travadas manterem relações econômicas entre as antigas colônias e as antigas metrópoles.

Apesar disso, algumas colônias africanas só vieram a conquistar a independência posteriormente, como as portuguesas na década de 1970.

Mesmo fisicamente independentes, os países africanos sofreram fortes influências europeias que modificaram seus modos de viver e se organizar. Herdando a forma de administração colonial, voltada a exploração, os governantes da elite africana se depararam com o desafio de planejar e dirigir um governo guiado para o desenvolvimento, não detendo muitos recursos para administrar um Estado nos moldes europeus e as lealdades étnico-regionais africanas dentro deste Estado. A manutenção das fronteiras definidas pelos antigos colonizadores teve um papel fundamental; os países se definiram enquanto nações dentro dos limites desenhados por europeus, unindo diversas culturas em um único aparato estatal. A manutenção da língua do opressor auxiliou na unificação dessas diferentes culturas, reforçando a ideia de uma nação. No entanto, a imposição de um Partido Único na maioria dos países africanos revelava o autoritarismo exercido pela elite no poder, que privilegiava a etnia a qual pertenciam. Assim, a herança dos colonizadores ia além do formato de administração e da língua: a continuidade de uma elite no poder evidenciava a conservação de um governo visto como patrimônio de um grupo, voltado para as vontades deste.

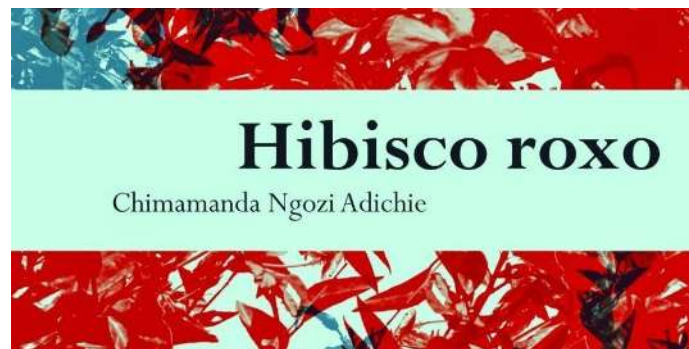
Mas, apesar de todas as influências que o colonialismo exerceu sobre esses povos, a realidade africana continuava a divergir da europeia: as comunidades culturais nativas também exerciam poder e tinham o respeito da população, assim como a pluralidade de organizações e associações formadas no período pós-colonial. No entanto, foi somente na década de 1990, com o fim dos Partidos Únicos, que, por reivindicações sociais, essas autoridades locais passaram a ser incorporadas ao Estado e a noção de democracia foi realmente repensada para se inserir no contexto africano.



ODINALA INDICA:

Livro:

Chimamanda Ngozi Adichie é uma das mais populares autoras da Nigéria e teve sua obra fortemente influenciada pela de Chinua Achebe. Seu livro "Hibisco Roxo" é um romance sensível e lindamente escrito que acompanha uma adolescente nigeriana, Kambili, que sofre as consequências do fanatismo religioso de seu pai abusivo e obcecado. Apesar de sua obsessão pelo catolicismo, Eugene segue sendo uma referência em sua comunidade pela ajuda aos mais pobres e o apoio de políticas progressistas. Essa obra é uma expressão perfeita que a ficção faz da vivência política, social e familiar na África e conversa fortemente com os temas de masculinidade, cristianismo, colonização e suas consequências até a atualidade.



Documentário:

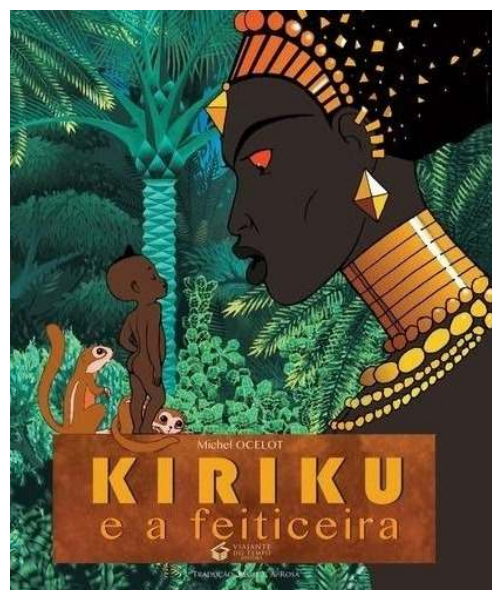
A série de documentários "Passados Presentes: memória negra no sul fluminense" foi produzida pelo Laboratório de História Oral e Imagem da UFF e, em suas quatro partes, buscou documentar histórias dos descendentes de escravizados no sul fluminense. Ao entrevistar membros de quilombos e moradores de diversas cidades da região, o projeto coloca em destaque a importância da tradição oral para a manutenção do patrimônio e da memória familiar nesses espaços. Além disso, mostra como a memória da escravidão, do tráfico ilegal e das experiências do cativo continuam mais que vivas nas comunidades em questão. É um material rico e didático que aborda o racismo, a herança escravista e a importância da tradição oral para afrodescendentes no Brasil de maneira clara e sensível.



ODINALA INDICA:

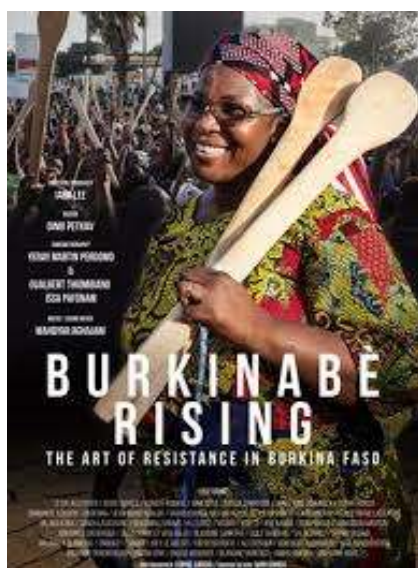
Filme:

Kiriku e a feiticeira é uma animação infantil muito interessante e importante quanto se trata de África, pois mostra aspectos da religião, cultura, modo de viver e espiritualidade africana, além de fugir dos padrões ocidentais de animação. A animação conta sobre a lenda de um bebê africano super inteligente, que já saiu do ventre de sua mãe falando e andando e se atreve em várias aventuras ao decorrer do filme para salvar sua aldeia de uma poderosa feiticeira. Apesar de ser um desenho destinado ao público infantil seu enredo chama atenção de jovens e adultos, principalmente de professores que buscam reproduzir essa animação para seus alunos a fim de facilitar o processo educacional e desconstruir preconceitos. A animação está disponível dublada no Youtube.



Filme:

O filme "Ascensão de Burkina Faso: A Arte da Resistência", retrata Burkina Faso, na África Ocidental, e o espírito revolucionário de Thomas Sankara. O líder político foi presidente de Burkina Faso até ter sido morto durante um golpe de estado conduzido por Baise Compaoré, seu acessor e amigo, que instalou um governo autoritário que perdurou durante quase três décadas. A revolução popular foi a grande responsável por depor Compaoré, e até os dias de hoje, o clamor por resistência e mudança política é um referencial de conduta para os habitantes de Burkina Faso.





REFERÊNCIAS:

HEGEL, J. G. F. Lecciones sobre la filosofia de la historia universal. Tomo I. 3a ed. Buenos Aires: Revista de Occidente, 1946.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África. Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, p. 167-212.

LOPES, Carlos. A Pirâmide invertida – Historiografia africana feita por africanos. Actas do Colóquio “construção e ensino da História da África”. Lisboa, 1995, p. 21-29.

LOVEJOY, Paul. A África e a escravidão/Organização do tráfico de escravos, 1600-1800. A escravidão na África: uma história de suas transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 27-56.

ACHEBE, Chinua. O mundo se despedaça. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OPOKU, Kofi Asade. A religião na África durante a época colonial. História Geral da África: A África sob dominação colonial, 1880-1935. Vol. VII. Brasília: Unesco, 2010, p. 591-624.

FANNON, Franz. Sobre a violência. Os condenados da terra. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005, p. 49-113.

APPIAH, Kwame Anthony. Estados Alterados. Na casa de meu pai. A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 221-239.

Ilustrações: Rafael Ribeiro Pereira

EDITORAS :



Franciany Carvalho



Ingrid Mendes



Luanda
Fagundes



Maria Eduarda
Taroco Viiera



Raquel Damasceno
Martins dos Santos



Maria Clara
Martins



Maria Letícia
Machado Borges